



APRESENTAÇÃO
O RACISMO IMPORTA:
CONTRIBUTOS DOS CAMPOS DA EDUCAÇÃO, DA FORMAÇÃO E DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Christian Muleka Mwewa¹

<https://orcid.org/0000-0002-7079-5836>

Patrícia Ferraz de Matos²

<http://orcid.org/0000-0001-7322-3756>

RESUMO

Este texto apresenta um dossiê temático sobre racismo, contextualizando o fenômeno no tempo e no espaço. O volume reúne dezesseis artigos, assinados por trinta autore(a)s de diversas áreas científicas e afiliações institucionais, porque se acredita que tal pluralidade pode dar uma visão abrangente do fenômeno no sentido de trazer mais contributos para o seu estudo, enquadramento e enfrentamento. Quinze artigos são dedicados ao contexto brasileiro (em geral ou a lugares específicos como Curitiba, Mato Grosso do Sul, Santa Catarina, Santa Maria [Rio Grande do Sul] e Sergipe) e um artigo debruça-se sobre o contexto argentino (La Plata, Buenos Aires). Alguns textos expõem reflexões teóricas, enquanto outros resultam de pesquisas que analisam o contexto escolar e formativo. O conteúdo deste dossiê será útil para cientistas sociais, educadores e formadores de crianças, jovens e adultos, tanto em meio acadêmico como em meio associativo e/ou engajado com as causas aqui debatidas.

Palavras-chave: Brasil; Educação; Formação; Formação cultural; Racismos.

PRESENTATION
RACISM MATTERS:
CONTRIBUTIONS FROM THE FIELDS OF EDUCATION, TRAINING AND SOCIAL SCIENCES

ABSTRACT

This text presents a thematic dossier on racism, contextualizing this phenomenon in time and space. The volume brings together sixteen articles, signed by thirty authors from different scientific areas and institutional affiliations, because it is believed that such plurality can provide a comprehensive view of the phenomenon in order to bring more contributions to its study, framework and confrontation. Fifteen articles are dedicated to the Brazilian context (in general or to specific places such as Curitiba, Mato Grosso do Sul, Santa Catarina, Santa Maria [Rio Grande do Sul] and Sergipe) and one article focuses on the Argentine context (La Plata, Buenos Aires). Some texts expose theoretical reflections, while others are the result of research that analyses the school and training context. The content of

¹ Coordenador e professor no Programa de Pós-Graduação em Educação-Mestrado (PPGEdu/CPTL) e Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação-Mestrado e Doutorado (PPGEdu/CG) ambos na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Sociedade (UFMS/CPTL). Doutor em Ciências da Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (2010), com estágio doutoral na Université de Paris I – Panthéon-Sorbonne (2008). C.V. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9098713298204255>. E-mail: <christian.mwewa@ufms.br>

² Antropóloga, Investigadora Auxiliar (Contrato Norma Transitória, DL57/2016/CP1441/CT0001) no Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa (UL). Membro do corpo docente do Curso de Doutoramento em Antropologia (DANT) do ICS-UL, desde 2013. Editora Associada de *Anthropological Journal of European Cultures* (2020-2023). Coordenadora da Europeanist Network da EASA (European Association of Social Anthropologists) (2020-2024). Membro Correspondente, em Portugal, da History of Anthropology Network (HOAN) da EASA, desde 2019. E-mail: <patricia_matos@ics.ulisboa.pt>

this dossier will be useful for social scientists, educators and trainers of children, youth and adults, both in academia and in associations and/or engaged with the causes discussed here.

Keywords: Brazil; Cultural training; Education; Training; Racisms.

PRESENTACIÓN
EL RACISMO ES IMPORTANTE:
APORTES DEL ÁMBITO DE LA EDUCACIÓN, FORMACIÓN Y CIENCIAS SOCIALES

RESUMEN

Este texto presenta un dossier temático sobre el racismo, contextualizando el fenómeno en el tiempo y el espacio. El volumen reúne dieciséis artículos, firmados por una treintena de autores de distintas áreas científicas y adscripciones institucionales, porque se cree que esa pluralidad puede brindar una visión integral del fenómeno para traer más aportes a su estudio, encuadre y enfrentamiento. Quince artículos están dedicados al contexto brasileño (en general o a lugares específicos como Curitiba, Mato Grosso do Sul, Santa Catarina, Santa Maria [Rio Grande do Sul] y Sergipe) y un artículo se centra en el contexto argentino (La Plata, Buenos Aires). Algunos textos exponen reflexiones teóricas, mientras que otros son el resultado de investigaciones que analizan el contexto escolar y formativo. El contenido de este dossier será de utilidad para científicos sociales, educadores y formadores de niños, jóvenes y adultos, tanto en el ámbito académico como en el asociativo y/o comprometido con las causas aquí abordadas.

Palabras clave: Brasil; Educación; Formación; Formación cultural; Racismos.

O título da introdução a este dossiê temático foi inspirado no movimento Black Lives Matter, que surgiu em 2013, na sequência do assassinato de um afro-americano nos EUA, e que voltou a aparecer em força, um pouco por todo o mundo, em resultado do assassinato público do afro-americano George Floyd por um polícia branco em Minneapolis (em maio de 2020). De facto, vidas negras importam e o reconhecimento da existência de um racismo estrutural é fundamental para se poderem criar ferramentas para o seu combate.

Sobejamente conhecido e discutido, com raízes num passado distante, que remonta aos tempos descritos na Bíblia e em outros livros considerados sagrados, às formulações de alguns autores greco-romanos da Antiguidade Clássica (ISAAC, 2004), aos filósofos iluministas, à escravatura e ao tráfico de escravos, ao colonialismo, e ao culminar no período do racismo científico, esse tipo de discriminação motivada a partir da cor da pele, ou da pertença étnica, ou outra, é ainda um grande desafio para as sociedades contemporâneas (MATOS, 2013; BETHENCOURT, 2014).

Considerado patológico por alguns autores (FANON, 2008 [1952]; KON, ABUD e SILVA, 2017), o racismo pode manifestar-se sobre diferentes sujeitos, a partir da identificação de alguma(s) características(s) tomada(s) como desviante(s) e disruptiva(s), por se considerar

que não integram uma normatividade hegemônica (MWEWA, PINTO e BISPO, 2016). Essa normatividade reporta-se muitas vezes à história da colonização e à história do pensamento no mundo ocidental. No caso da colonização portuguesa, por exemplo, a ideia de que esta foi diferente ou mais branda, teorizada por Gilberto Freyre, através da sua tese luso-tropicalista (CAHEN e MATOS, 2018), acabou por ter pouco fundamento, uma vez que, pelo menos no que ao contexto colonial português respeita, a miscigenação nunca foi, de fato, promovida (MATOS, 2019).

O racismo continua a surgir no presente, sobretudo em momentos de maior tensão social (VALA, BRITO E LOPES, 1999), e a ser frequentemente utilizado como estratégia política e estruturadora das relações sociais. Em alguns momentos, pode parecer adormecido, mas não está resolvido. Por exemplo, recentemente (em março de 2022), e num contexto de necessidade urgente de salvar vidas, quando despoletou uma guerra na Europa, motivada pela invasão da Ucrânia por parte da Rússia, verificaram-se práticas racistas. Foi noticiado em vários locais que as pessoas loiras e de olhos azuis tiveram prioridade na entrada para os autocarros e comboios que saíam da Ucrânia, sendo que os estudantes negros, do Médio Oriente ou do Norte de África, por exemplo, e as mulheres ucranianas casadas com homens negros (ou de pele mais escura), e seus respectivos filhos, não foram considerados prioritários. No meio de noticiários, que descreviam sobretudo o número de mísseis disparados e o crescente número de mortos (espalhados pelas ruas), as queixas e os lamentos destas pessoas, que se sentiram discriminadas (e que são, no entanto, pessoas letradas e sabem falar inglês ou francês, isto é, línguas conhecidas pela maioria dos europeus), foram ficando esquecidos. Mas é importante reter que é muitas vezes em contextos de crise e de luta por recursos que o racismo vem à tona. É o que acontece nas guerras, por exemplo, e é o que vai acontecendo por todo o mundo.

A compreensão do racismo deve ser feita, por isso, a partir de vários tempos, lugares e contextos. Foi essa a lógica que presidiu à seleção e organização do conjunto de trabalhos que integram este dossiê temático. No caso do Brasil, por exemplo, estamos perante uma sociedade constituída por diferentes grupos étnicos e raciais (oriundos de distintos espaços geográficos), que a caracterizam em termos culturais, e que é por isso considerada uma das mais ricas do mundo em termos de diversidade. Essa diversidade, e as camadas em que se estrutura, constituem, contudo, um dos seus maiores desafios. É que a história das

peças pertencentes a alguns desses grupos, sobretudo negro(a)s e indígenas, é ainda marcada por desigualdades e discriminações reiteradas, que em muito dificultam, ou inviabilizam, o acesso a recursos, à educação e a bens culturais produzidos por essa mesma sociedade.

Uma das formas de reduzir a discriminação tem sido a implementação de cotas para pessoas racializadas (tal é possível no Brasil também porque os censos permitem fazer essa diferenciação, ainda que esse processo recorra a subjetividades, pois envolve autodeclaração), mas essa opção tem ainda muitos caminhos por trilhar (MATOS, 2018). Por seu turno, o campo da formação e da educação é fundamental, mas nem sempre tem sido suficientemente valorizado e apoiado pelos sucessivos governos e vai sendo ultrapassado por outras linhas de pesquisa mais dominantes e/ou com mais financiamento. Por outro lado, a carência de políticas públicas, contínuas e efetivas, desde a educação básica, no que concerne ao combate às inúmeras discriminações, das quais são vítimas sobretudo o(a)s subalternizado(a)s, tem reforçado um certo *status quo* de violência (física, social, moral e econômica). A violência vem assim, muitas vezes, associada à subalternidade – primeiramente classificada por Frantz Fanon como internalização da dominação (2021 [1961]).

De tempos a tempos, a humanidade repete a vivência de momentos álgidos motivados por esta questão estrutural que tem influenciado a relação entre seres humanos. Por outro lado, tratar de racismos demanda localizá-los em contextos específicos (nos campos da educação e da formação, por exemplo) e indicar alguns dispositivos que possam interromper a sua manifestação (como a formação cultural). Acreditamos que possa ser, precisamente, através da inserção, nos programas escolares, de conteúdos que deem conta das diversidades históricas e atuais, de forma inclusiva e elogiando todos os contributos, que se pode discutir o racismo para fomentar uma sociedade mais plural, equânime e respeitadora das diferenças. Como acréscimo, constatámos que existem ainda poucos estudos sobre os quotidianos escolares, que nos permitam concluir sobre as inovações introduzidas em alguns contextos (em vários níveis de ensino) e quais os efeitos (e progressos, retrocessos ou tensões) que começam a ser sentidos em resultado dessas iniciativas. Foram estas, portanto, as motivações que nos levaram a organizar este dossiê temático.

O nosso objetivo foi reunir um conjunto diversificado de autores, em termos de áreas disciplinares (antropologia, educação, filosofia, história, psicanálise e teoria crítica),

afiliação institucional e proveniências nacionais, que nos trouxesse um olhar sobre o racismo, a discriminação social e étnica e modos de reação a estes fenômenos, tanto no contexto histórico, como atual, através de legislação, processos de engajamento, associativismo, ou lugares de formação, como a escola e a comunidade, nas suas relações com a família e o meio envolvente. Consideramos que esta pluralidade pode ajudar a identificar os problemas e a contribuir para encontrar melhores soluções. O resultado final reúne dezesseis contribuições, assinadas por trinta autore(a)s. Quinze artigos são dedicados ao contexto brasileiro e um é dedicado ao contexto argentino.

Este conjunto de textos dá-nos sobretudo um retrato do que foi e continua a ser o Brasil, evidenciando os seus problemas, mas também demonstrando algumas das suas forças e capacidades para ultrapassar as suas fragilidades sociais e econômicas. Trata-se, contudo, de um Brasil multifacetado, de diferentes lugares e matizes, uma vez que os contextos analisados são variados (história, medicina, política, educação, capoeira, cinema, legislação dentre outros), assim como os lugares de pesquisa, que podem considerar todo o Brasil ou lugares específicos como Curitiba, Mato Grosso do Sul, Santa Catarina, Santa Maria (Rio Grande do Sul) e Sergipe. O dossiê inclui ainda um artigo sobre uma pesquisa realizada em La Plata (Argentina).

Os artigos que compõem este dossiê temático resultam tanto de reflexões teóricas, como de pesquisas que analisam o racismo em contexto escolar e formativo e as potencialidades que esse próprio contexto pode ter para o seu combate. Na atual conjuntura, o tema do racismo ou dos racismos, como preferimos referir, e como o fizeram anteriormente outros autores (VALA, BRITO E LOPES, 1999; BETHENCOURT, 2014), voltou a estar na ordem do dia. Alguns dos artigos apresentados são fruto também de análises interseccionais, contemplando outros marcadores sociais, como gênero, classe social, geração, credo, religião e território (ou espaço de atuação), como potenciais indicadores do que pode favorecer a patologia social dos racismos. Procura-se, assim, diagnosticar e problematizar as subjetividades objetivadas nas relações sociais e interpessoais em diferentes contextos, mas em especial no da educação e da formação.

No presente dossiê avançamos para além da denúncia, uma vez que aceitamos que a manifestação dos racismos se distanciou da dimensão biológica para residir na dimensão social, política e econômica. Consideramos que as manifestações culturais com

carácter étnico podem ser artefatos, que tensionam e podem colocar em xeque o despoletar dos racismos, mas para isso esse conceito deve ser apropriado também pelos agentes destas manifestações. Porém, não com o seu carácter discriminatório, mas sim de autoafirmação (é o que veremos, por exemplo, nos textos que tematizam os elementos culturais de manifestações que têm origem no continente africano, denominadas de cultura afro-brasileira). Trata-se da operação indicada por Frantz Fanon (2008 [1952]), quando se refere ao “movimento” empreendido por Aimé Césaire. Segundo Fanon (2008 [1952], p. 158):

Césaire est descendu. Il a accepté de voir ce qui se passait tout au fond, et maintenant il peut monter. Il est mûr pour l’aube. Mais il ne laisse pas le Noir en bas. Il le prend sur ses épaules et le hisse aux nues”.³

Ora, assumir a expressão “cultura negra”, por exemplo, é aceitar a identificação atribuída por outrem, mas levada a um ato, pois se transforma em um instrumento com o qual a ação contestadora é engendrada nos diferentes contextos sociais nos quais a ideia de “raça” ainda pode vigorar. O racismo em forma de discriminação a partir da cor da pele é uma ação/ato e, portanto, precisa ser enfrentado com ações e atos e não apenas resistências. Consideramos, por isso, que estamos perante um bom ponto de partida, pois só depois de identificarmos os problemas podemos tomar atitudes para os resolver, tanto a nível individual, como coletivo, tanto a nível regional, como nacional e até mesmo internacional.

No Brasil, a Lei n.º 10.639/2003 tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira na educação básica, mas a sua aplicação tem sido distinta em diferentes contextos. Por outro lado, embora duas datas sejam frequentemente lembradas – o 13 de maio (Dia da Abolição da escravatura em 1888) e o 20 de novembro (Dia da Consciência Negra desde 2003) – nem sempre o modo como tal é feito (evidenciando sobretudo os relatos de crueldade da escravatura, por exemplo) é o mais adequado ou construtivo (no sentido de valorizar as comunidades afrodescendentes e não apenas destacar o seu sofrimento), quando se trata de um público mais infantil ou juvenil. Por outro lado, consideramos que o ambiente escolar pode ser um local privilegiado a partir do qual se pode refletir sobre a necessidade de

³ “Césaire desceu. Ele foi ver o que se passava bem no fundo, e agora ele pode se elevar. Está maduro para a aurora. Mas ele não deixa o negro lá embaixo. Ele o põe nos seus ombros e o eleva até as nuvens” (tradução de Renato da Silveira: FANON, 2008 [1952], p. 164-65).

descolonizar o pensamento e as suas práticas históricas⁴ (MBEMBE, 2017), inculcadas ao longo do tempo. É nesse ambiente que pode começar a formar-se uma personalidade antirracista, porque, como dissemos num outro artigo, “o racismo não nasce com a criança” (MWEWA e MATOS, 2022). E também o contexto fora da escola, através de atividades didáticas e inspiradoras, pode ser aproveitado, recorrendo a agentes culturais, por exemplo, para promover uma consciência respeitadora das diversidades desde a infância (MWEWA e MATOS, 2018).

O dossiê foi dividido em três secções. A primeira intitula-se “História e estórias: contextos e problemáticas” e debruça-se sobretudo sobre o contexto histórico brasileiro, localizando como se constituem os racismos em contextos específicos a partir de problemáticas próprias. A partir dos quatro artigos que constituem esta seção, é possível perceber alguns dos fatores estruturais relacionados com a constituição do Brasil, que conduziram a fenómenos que verificamos no presente.

O primeiro artigo, da autoria de Daniel Machado da Conceição, intitula-se “Lágrimas, sangue, leite, suor, saliva e sêmen” e analisa o modo como os fluidos do corpo negro foram fundamentais para construir o Brasil e é possível, a partir deles, contar uma história da diáspora africana. O segundo artigo, assinado por Daniel Florence Giesbrecht e Patrícia Ferraz de Matos, debruça-se sobre “A apropriação do discurso médico-anropológico pelo poder legislativo brasileiro” e analisa a eugenia como uma “utopia regeneradora na Constituinte de 1934”. O artigo inspira-se no modo como os intelectuais brasileiros, entre os finais do século XIX e os inícios do século XX, se identificaram com alguns discursos médicos e antropológicos, para proporem medidas de engenharia social no sentido de regenerar e modernizar o Brasil, e retrata como alguns representantes do poder legislativo foram influenciados pelo ideário eugénico para as suas formulações em áreas tão distintas como a educação, a saúde pública, a imigração e o matrimônio.

Maria Julieta Weber traz-nos também um artigo sobre eugenia, desta vez focado nas suas relações com a educação, para explorar os “princípios formativos da nacionalidade brasileira na primeira metade do século XX”. Como se verá, a partir da análise do *Boletim de Eugénia*, entre 1929 e 1933, os princípios eugénicos tomados em conta foram sobretudo no

⁴ Sobre um conjunto de projetos e iniciativas, em diferentes países, no sentido de descolonizar a Europa, veja-se Matos e Sansone, 2021.

sentido de selecionar e de proporcionar as melhores condições de vida aos que já eram considerados à partida “bem-dotados”, dando assim prevalência aos aspetos hereditários/ biológicos em detrimento dos fatores do meio social e educacional. O último artigo desta seção, de Delza da Hora Souza e Alexandre Fernandez Vaz, intitulado “Feminismo negro e conexões afrodiaspóricas” é dedicado a analisar “o lugar da interseccionalidade no pensamento de Lélia González” e as suas contribuições para o feminismo negro brasileiro. O artigo faz uma ponte com a contemporaneidade no que respeita ao papel da resistência das mulheres na construção de uma sociedade antirracista.

A segunda seção do dossiê, intitulada “Práticas e quotidianos”, traz-nos quatro exemplos de manifestações racistas ou discriminatórias, em distintos contextos, e formas de lidar com as mesmas. Ao tentar focar alguns quotidianos, procurámos também escutar quem vive situações frequentes, mas pouco conhecidas, ou valorizadas, como se encontra em outros trabalhos (KILOMBA, 2019). Nesta seção os textos tentam responder à seguinte questão: como as práticas quotidianas se configuram em importantes elementos para o combate e enfrentamento dos racismos para além das denúncias? Este questionamento caminha na esteira daquilo que o filósofo frankfurtiano Theodor W. Adorno nos alertou ao afirmar que:

enquanto o espírito crítico permanecer em si mesmo uma contemplação auto-suficiente, não será capaz de enfrentar a reificação absoluta, que pressupõe o progresso do espírito como um de seus elementos, e que hoje se prepara para absorvê-lo inteiramente (2001, p. 26).

Torna-se assim urgente inverter a posição da crítica de autocontemplação sobre os racismos para potencializar a sua funcionalidade (crítica) para além da observação da existência do fenómeno. Se é fato que o racismo existe, o que fazer com esse fato torna-se a questão central para que a crítica possa ter efeitos.

O primeiro contexto analisado é o da capoeira com o artigo “Currículo nas músicas de capoeira: identidade e poder”, de Marcelo Barbosa Alves e Marcelo Victor da Rosa. A partir da plataforma *Spotify* são tratados temas de capoeira, que assinalam diferenças, por um lado, e destacam sentimentos de resistência, por outro. Este texto tensiona ainda a questão do gênero que, pela sua importância no interior desta prática, anuncia que “produz” diversas subjetividades que, por sua vez, não podem ter reduzida a sua radicalização somente em categorias de gênero, mas para além dos corpos biologicamente constituídos. Ou seja, não se

trata de “homens ou mulheres” do ponto de vista biológico, mas de praticantes de capoeira que são afetados de diferentes modos, dependendo do contexto em que é praticada. Por outras palavras, trata-se de pessoas em suas totalidades complexas e não apenas de corpos.

O texto seguinte trata as práticas relacionadas com tratamentos capilares, dentro e fora de cabeleireiros, e sob a influência de plataformas online, como o Youtube. Em “Servidão e/ou resistência? Sociedade, Cabelo, subjetividade e processo de transição capilar”, Talita Ferraz e Daiani Barboza trazem-nos um retrato de várias mulheres, de cabelos não lisos, na sua relação (nem sempre fácil) com o seu cabelo, ao longo da vida, e de como a sua percepção pode ir mudando.

O terceiro contexto é o do curso de pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, onde são tratadas as “Relações ‘raciais’ e suas percepções dentre as/os discentes”, por Dayane Souza Nogueira da Silva Pimentel e Christian Muleka Mwewa. O artigo conclui sobre a importância de tratar as questões étnicas, raciais e culturais, no contexto formativo, para saber lidar com as diferenças e diminuir a discriminação. O último artigo desta seção é dedicado à forma como a educação ambiental em Curitiba-PR está a promover “O ensino de história e cultura afro-brasileira e africana”. O texto é assinado por Carlos Eduardo Fortes Gonzalez e nele se pode constatar como é possível, a partir de um circuito turístico urbano, promover, ao nível da educação básica, um ensino que seja tanto transversal, como interdisciplinar, e tome em conta as relações étnicas e raciais, mas também a educação ambiental.

A terceira seção reúne oito artigos e é dedicada a explorar os contributos da “Educação, formação escolar e académica” para os temas em análise neste dossiê, desde as faixas etárias mais baixas até ao ensino superior, sobretudo no campo escolar, mas também através de projetos externos, ligados ao associativismo das comunidades, ou a práticas que contribuem para o engajamento de pessoas e para a sua afirmação no meio público, como são exemplo algumas práticas de rua. Sobre este último domínio, vale a pena referir que, do ponto de vista racial, as capacidades dos praticantes das manifestações culturais de matriz africana, podem ser vistas, por vezes, como a intensificar-se ou a afrouxar, dependendo da origem étnica do(a) praticante, como constatou Peter Wade na sua pesquisa (2005). Nesses contextos, negros, brancos e indígenas podem desfrutar de lugares discursivos diferentes, apesar de estarem no mesmo espaço. Essas manifestações estão ligadas à formação cultural,

pois tratam de atividades das camadas subalternizadas que ocorrem nos centros urbanos que contemplam as periferias. Uma vez que “viver em uma grande cidade não implica dissolver-se na massa e no anonimato”, as culturas consideradas periféricas, ao serem experienciadas nos grandes centros, contribuem para os enfrentamentos necessários (CANCLINI, 2008, p. 286). Aqui entendemos formação cultural em termos adornianos, ou seja, a apropriação da cultura de forma subjetiva (ADORNO, 2001). Essa dinâmica apropriativa se articula com a ideia de fugirmos do lugar comum de falar (tratar) dos racismos apenas como denúncia, investindo na potência da sua superação, isto é, mostrar as atividades consideradas subalternizadas, ou praticadas por grupos subalternizados, como forma de agir e pensar sobre o mundo. Nesse sentido, como referiu Eagleton, a cultura “é uma questão de autossuperação tanto quanto de autorrealização” (2011, p. 15). Ultrapassar os lugares comumente destinados às pessoas subalternizadas é assim fulcral para lhes restituir humanidade.

O primeiro artigo desta seção, de Julia Duarte de Souza, Julyana Sueme Winkler Oshiro e Amarildo Luiz Trevizan, dedica-se a analisar as “Relações étnicas e ‘raciais’ na educação infantil em Santa Maria/RS”. Nele podemos constatar a importância de implementar uma educação antirracista desde tenra idade, ou seja, a partir de uma faixa etária que está ainda pouco estudada. O segundo artigo, de Ana Paula Evaristo Russi e de Josiele Bené Lahorgue, traz-nos um estudo sobre o fenômeno do “Racismo religioso no ensino fundamental”. Aí serão identificadas situações de racismo religioso, por um lado, e apresentadas propostas de contraponto ao racismo religioso, por outro, a partir do campo da educação. Em “A menina de *Oyá*: contribuições decoloniais e inclusivas ao ambiente escolar”, Mariana Semião de Lima e Norma Silvia Trindade de Lima apresentam-nos um estudo de caso a partir de uma jovem que conviveu desde criança com um terreiro de candomblé. As práticas ligadas à ancestralidade afro-brasileira surgem aqui como importantes fenômenos para a afirmação e valorização de outros tempos e espaços e para a promoção da pluralidade, e seu respeito, na escola e desde a infância.

O artigo “Notas para trabalhar cinema, educação e africanidades: epistemologia da afrocentricidade e pedagogia do oprimido”, de Wolney Nascimento Santos, Fabio Zoboli e Cristiano Mezzaroba, parte da “Epistemologia da Afrocentricidade”, de Molefi Kete Asante, e da “Pedagogia do Oprimido”, de Paulo Freire, para refletir sobre as possibilidades do cinema, enquanto recurso mídia-educativo, para tratar e questionar vários aspectos da história e da

cultura afro-brasileira. O quinto artigo desta seção propõe-nos “Uma *práxis* pedagógica antirracista” a partir do “Projeto Alma Africana” desenvolvido numa unidade de ensino fronteiriça à Comunidade Remanescente de Quilombo Maloca em Sergipe. Assinado por Evanilson Tavares de França, o texto demonstra a importância de projetos como este, que se desenvolvem dentro das comunidades e podem ter um efeito decisivo no que respeita à valorização das produções científicas e culturais de africano(a)s e afro-brasileiro(a)s e ao respeito pela diversidade.

Algumas práticas recentes, que decorrem em espaços públicos e, muitas vezes, ao ar livre, têm contribuído não só para uma maior visibilidade, mas também para a afirmação de alguns grupos, associados, por vezes, à marginalidade social ou a práticas marginais. Como se poderá ver no artigo “El freestyle de la calle a la pantalla (y de vuelta a la calle): Propuesta de abordaje y análisis situado del RAP en pandemia”, de Ana Sabrina Mora e Juan Matías Sterkel, o período da pandemia Covid-19 trouxe vários desafios, mas a importância da realização destas práticas fez com que as mesmas se passassem a realizar de outro modo, recorrendo a plataformas digitais. No artigo seguinte, constata-se que a ideia de marginalidade, ou a dificuldade de inclusão, pode não se relacionar apenas com o fator racial, mas também com o fator classe, andando ambos ligados há muito tempo, como nos demonstra Alex Sander da Silva em “Um olhar de classe, ‘raça’ e democracia para a educação em tempos difíceis”. O autor explora as relações entre racismo e classe social no sistema capitalista e defende que o antirracismo deve ser ladeado (ou integrado) pela luta das classes sociais exploradas ou oprimidas.

Os fenómenos trazidos a este dossiê chamam-nos a atenção para o facto de que, na maioria das análises, devemos ter em conta diferentes fatores e realizar análises interseccionais, que considerem aspectos que podem estar presentes simultaneamente. Tal acontece, por exemplo, quando estamos perante uma discriminação de gênero, racial e de classe (como acontece a uma mulher, negra e pobre). Uma das formas de enfrentar a discriminação na escola, na família e em outros meios é procurando estimular aprendizagens e práticas que promovam a autoestima e o desenvolvimento pessoal. É nesse sentido que se apresenta o texto que encerra este dossiê temático, assinado por Lúcia Lacerda dos Anjos e Maria de Lourdes Teodoro, que nos traz múltiplos exemplos de como a partir da família, da

escola e da comunidade, se podem desenvolver, com crianças e jovens, estratégias de enfrentamento à discriminação de quem é considerado, ou se considera, diferente.

Tendo em conta o lugar estrutural e estruturador do racismo, a sua permanência vai sendo uma constante, mas é importante lembrar que os lugares das vítimas e dos algozes podem ser intercambiáveis de tempos a tempos e de lugares em lugares. Afirmar a sua permanência apenas num contingente racial e/ou étnico é condenar esse contingente a uma história (e cultura) estática(s), uma vez que as conjunturas podem sempre mudar. Esperamos assim que a leitura deste dossiê possa suscitar indagações e novas reflexões e seja válida para cientistas sociais, educadores e formadores de crianças, jovens e adultos.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. L. **Prismas: crítica cultural e sociedade**. São Paulo: Editora Ática, 1.ª ed., 2.ª impressão, 2001.

BETHENCOURT, Francisco. **Racisms: from the crusades to the twentieth century**. Princeton: Princeton University Press.

CAHEN, M.; MATOS, P. F. de (eds). *New Perspectives on Luso-Tropicalism, Novas Perspetivas sobre o Luso-tropicalismo*. **Portuguese Studies Review**, 2018, vol. 26, no. 1. 350 pp.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas**. 4.ª ed. São Paulo: EdUSP, 2008.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008 (1952).

FANON, F. **Os condenados da terra**. Lisboa: Letra Livre, 2021 (1961).

ISAAC, B. **The invention of racism in classical antiquity**. Princeton & Oxford: Princeton University Press, 2004.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KON, N. M.; ABUD, C. C.; SILVA, M. L. da (eds). **O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise**. 1.ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

MATOS, P. F. de. **The colours of the empire: racialized representations during Portuguese colonialism**. Oxford & New York: Berghahn Books, 2013.

MATOS, P. F. de. “Raça”, miscigenação e preconceito: Desafios actuais perante a evolução do pensamento social (e racial e nacional) brasileiro. **Portuguese Studies Review**, 2018, vol. 26, no. 1, p. 273-298.

MATOS, P. F. de. Racial and social prejudice in the colonial empire: issues raised by miscegenation in Portugal (late nineteenth to mid-twentieth centuries), **Anthropological Journal of European Cultures**, 2019, vol. 28, no. 2, p. 23-44.

MATOS, P. F. de; SANSONE, L. FORUM Decolonising Europe: National and Transnational Projects. **Anthropological Journal of European Cultures**, 2021, vol. 30, no. 2, p. 79-140.

MBEMBE, A. 2017. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Antígona.

MWEWA, C. M.; MATOS, P. F. de; SANTANA, I. M. G. de, Racismos, etnia e diversidades: mini-conferência para miúdas e miúdos curiosos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 2018, vol. 9, no. 1, p. 76-84.

MWEWA, C. M.; MATOS, P. F. de, Formação para uma personalidade antirracista: porque *o racismo não nasce com a criança*. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, 2022, vol. 17, no. 3 (no prelo).

MWEWA, C. M.; PINTO, S. M. E.; BISPO, S. A da S. Mediações étnico-raciais no contexto da educação infantil em Três Lagoas/MS: um estudo de caso. **Zero-a-seis**, jan-jun 2016, Florianópolis, v. 18, no. 33, p. 65-82.

VALA, J.; BRITO, R.; LOPES, D. **Expressões dos racismos em Portugal**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 1999.

WADE, P. Rethinking *mestizaje*: ideology and lived experience. **Journal of Latin American Studies**, 2005, vol. 37, no. 2, p. 239-257.

Revisão gramatical realizada pelos próprios autores.